

MARAVILHAMENTO, PERPLEXIDADES RACIONAIS E LIMITES DA REPRESENTAÇÃO: INFINITO E O ESPAÇO PARA O INEFÁVEL EM EL ALEPH, EL LIBRO DE ARENA E LA BIBLIOTECA DE BABEL DE J. L. BORGES

Wonderment, rational perplexities and the limits of representation: Infinite and the Space to the ineffable in El Aleph, El Libro de Arena and La Biblioteca de Babel of J. L. Borges

*Jean Felipe de Assis**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Parte integrante de uma série de estudos sobre a noção de espaço nos contos de J.L. Borges, este ensaio investiga a possibilidade de *atualização do Infinito* em *El Aleph*, *El Libro de Arena* e *La Biblioteca de Babel*. Discursos matemáticos, filosóficos e teológicos são entrelaçados em conjecturas cosmológicas fundadas em *maravilhamento* e arquitetadas nos limites do racional. O impulso humano para compreensão se associa a um constante fascínio intelectual a perpassar tentativas cosmológicas, científicas, filosóficas, culturais e religiosas. As perplexidades da intelectualidade humana perpassam sensibilidade, raciocínios, memória e imaginação em variados enigmas oriundos das tentativas mentais de compreensão do mundo. As noções de espaço nos contos de Borges são invenções intelectuais humanas que possibilitam explorar o admirável no mundo, fornecendo às narrativas do autor modos de explorar a abstração para o entendimento, as falácias do pensamento e os limites das concepções humanas. Assim, entre maravilhamentos e perplexidades racionais, os modos de representação do espaço, e dos objetos no espaço, auxiliam na meditação sobre o inefável na criação literária de um Infinito atual.


Palavras-chave: Jorge Luis Borges. Infinito. Espaço.

Abstract: This essay, from a series of studies on the notion of space in J. L. Borges' short-stories, investigates the possibility of *actual Infinite* in *El Aleph*, *El Libro de Arena* e *La Biblioteca de Babel*. Mathematical, philosophical and theological discourses are intertwined in cosmological conjectures founded on wonder and fashion at the limits of rationality. Human



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

* Doutor em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (2015) e mestre em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (2011) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: jeanfelipe@hcte.ufrj.br.

 <https://orcid.org/0000-0001-9292-9228>

impulses for understanding are associated with constant intellectual fascination in cosmological, scientific, philosophical, cultural and religious discourses. Fascination and Perplexities, originated on human rationality, permeate sensibility, reasoning, memory and imagination through several enigmas springing from mental attempts of understanding reality. Space in Borges' stories are human intellectual inventions allowing the reconnaissance of wonder in the world. It provides ways of exploring abstraction in understanding, fallacies of thought, and the limits of human conceptions in this author's narratives.

Keywords: Jorge Luis Borges. Infinite. Space.

Recebido em: 22/04/2018

Aceito em: 13/09/2018

Os modos pelos quais a noção de espaço se apresenta nos contos de Jorge Luís Borges se desenvolvem nas interfaces existentes entre os discursos cosmológicos específicos e o entendimento idealista do autor argentino. Nestas digressões literárias são reunidas algumas esperanças das conjecturas racionais humanas e, conseqüentemente, as constantes antinomias, os inevitáveis paradoxos e as perenes contradições destes intentos. Os saberes, não apenas se ocupam de suas atividades particulares em seus respectivos campos de conhecimento, mas são inter-relacionados pelo incessante desejo de conhecimento humano em suas formas de entendimento e apreensão do universo físico e das constituições culturais. Desta maneira, as noções de espaço nos contos de Borges são invenções intelectuais humanas que possibilitam explorar o admirável no mundo. As figuras geométricas e as construções racionais atestam as relações existentes entre o universo e as limitações das linguagens humanas em o descrever ou desvendar suas causas. Este impulso humano por compreensão é associado à mística a perpassar as tentativas cosmológicas, sejam estas científicas, filosóficas, culturais ou religiosas¹. Tais descrições e suas respectivas intenções de esclarecimento intelectual constituem labirintos em analogia às possibilidades do entendimento humano², as quais perpassam o olhar crítico do escritor argentino para as tradições ocidentais.

Restringe-se o presente estudo a avaliar as concepções borgianas do espaço nos contos *El Aleph*, *El Libro de Arena* e *La Biblioteca de Babel*. Parte integrante de uma série de estudos

¹ De fato, o *maravilhamento* diante das experiências humanas e o fascínio com os modos de compreensão do mundo são visto ao longo de variados discursos cosmológicos que articulam constatações físicas e metafísicas, críticas filosóficas e valores culturais, considerações científicas e expressões religiosas. No artigo *Fascínio Místico, Razão e Imaginação: Invenções do Espaço para a compreensão do Inefável em "La busca de Averroes", "La muerte y La Brujula", "El immortal", "El disco" e "La Escritura di Dios" de J.L. Borges*, O *maravilhamento* humano é visto em suas características místicas e contraposto pelas perplexidades resultantes da finitude humana. Ainda que a racionalidade busque ordenar as experiências de maneira consistente, todos os modos de expressão são falhos. Todavia, o espaço propicia uma abertura para o mistério, para as tradições recebidas e para as inovações necessárias a toda possibilidade de saber. Há uma pluralidade de expressões da racionalidade a perpassar saberes, potencialidades e limites do entendimento humano.

² No ensaio *Nos Labirintos do mundo, do ser e da linguagem: Os limites da racionalidade em "El Sur", "Abenjacán El Bojari, Muerto em su Laberinto", "El jardin de senderos que se bifurcan", "Los Dos Reyes Y Los Dos Laberintos" de J.L. Borges*, verificam-se associações entre as aspirações intelectuais humanas e a experiência de estar em contínuos labirintos a perpassar a subjetividade, a linguagem e o cosmos. O labirinto é uma imagem a evidenciar os limites e as potencialidades da racionalidade. Deste modo, devido à imensa complexidade do cosmo, às múltiplas veredas da subjetividade e aos caminhos tortuosos da linguagem, o espaço viabiliza ao humano inventar o sentido para vida, mesmo diante da incompletude de seus modelos e da finitude de suas capacidades.

que investiga as imagens e as analogias do célebre autor sobre este tema, em que se destaca a imprescindibilidade narrativa e simbólica como meios de articular razão e imaginação. O *maravilhamento* no mundo e suas descrições são rapidamente confrontados com as perplexidades resultantes da finitude humana perante o Infinito. As tentativas humanas, i.e., enumerar, ordenar, elencar, descrever, não apenas não apreendem a totalidade das coisas que existem, mas tendem a falsificar a experiência. Nos três contos em destaque características similares sobre o espaço são fornecidas por considerações místicas, matemáticas, físicas e metafísicas. Destaca-se a possibilidade de *atualização do Infinito* em um objeto esférico, um livro e uma construção aparentemente finitos. Ora, mesmo diante da impossibilidade de uma descrição objetiva do todo que se apresenta à sensibilidade dos autores-narradores, a criação literária propicia o surgimento de um espaço a possibilitar a inserção do Infinito nas finitas condições de apreensão do humano. Ao distorcer literariamente as concepções usuais do espaço físico, Borges descreve o fascínio humano em seu desejo de apreensão da realidade, mesmo diante do colapso de suas crenças e construções racionais. Imagem repleta de significados, um espelho perpetrado pelo espaço textual de borges, este também uma tentativa de apreensão do inefável. Não é possível uma demonstração rigorosamente científica por intermédio de uma associação unívoca, mas pela verossimilhança, as analogias e as metáforas com o pensamento geométrico propiciam os modos iniciais de compreensão do entendimento de espaço.

Visto que as características estéticas e o prazer da leitura-escrita não podem ser substituídos por um rigor crítico e intelectual³, os meios de exposição das ideias de espaço já carregam em si uma proposta idealista monista⁴ de entendimento do mundo criado pelos narradores-personagens⁵. Infere-se, portanto, que a escrita-leitura é uma performance necessária para o conhecimento de si, mesmo diante do esgotar de todas as possibilidades racionais de entendimento⁶. O fascínio com o mundo e as perplexidades da intelectualidade humana perpassam sensibilidade, raciocínios, memória e imaginação em variados enigmas oriundos das tentativas mentais de compreensão do mundo.

Talvez o símbolo mais famoso e que melhor expresse a obra de Borges seja o Aleph, em sua *metonímia viva* sobre o infinito e sobre a possibilidade de desvelar algo profundo a

³ Duas exemplificações: “*Quando estou escrevendo algo, tento não compreendê-lo. Não acho que a inteligência tenha muito a ver com o trabalho de um escritor. Acho que um dos pecados da literatura moderna é ser muito autoconsciente*” e “*Y em lo que se refiere a artículos, bibliografías y demás, no tenéis que preocuparos. Lo único que tienen que hacer es ler los autores*” (BORGES, 2000, p. 123; BURGIN, 1974, p. 142-143).

⁴ As expressões da *Vontade* são meios de explicitar as características do pensamento monista de Borges, entendido também pelas características místicas do autor ou de suas interpretações de Schopenhauer. A ficção de todo saber e o desvelar de um mundo que nos perpassa, precede-nos, sucede-nos e nos transcende é uma marca essencial da escrita de Borges. Assim, o ato racional é fictício e opera por meio da memória a construir, desconstruir e reconstruir a Cultura por meio dos mitos (VILAHOMAT, 2004, p. 11-14; 21; 136-136; 165-171).

⁵ Trata-se da famosa relação existente entre a obra e seu autor, i.e., o hipotético problema sobre se a obra é inventada pelo autor ou este é uma invenção daquela em seu ato contínuo de expressão e recepção. Borges assinala tal conjectura em muitos momentos de sua obra, sobretudo nas inúmeras maneiras em que interpreta o monismo em associação ao idealismo de Berkeley ou ao pensamento de Schopenhauer. Há uma impossibilidade de distinção entre obra e pessoa, autor e expressão, visto que estes se apresentam conjuntamente ao receptor (BORGES, 1989a, p. 710-713).

⁶ Em outras palavras, cada escritor e cada leitor se nadifica a ponto de se tornarem todos, em seus respectivos momentos, textos em contextos (BOSSART, 2003, p. 155-194).

respeito do universo concebidos pela racionalidade. “*Un Aleph es uno de los puntos del espacio que contienen todos los puntos*”. Assim o define Carlos Argentino Daneri, poeta de versos esteticamente duvidosos de acordo com a opinião do narrador, mas que em desespero por salvar a inspiração de seus versos, revela o segredo e a fonte de sua inspiração. O espaço cósmico, contido em uma esfera de três centímetros de diâmetro, é o objeto a partir do qual a narrativa se desenvolve. A deformação do espaço físico pelo artifício literário de Borges é uma invenção que permite ao autor falar do admirável. Nas palavras de sua auto-crítica, a partir da figura de Daneri, “*el trabajo del poeta no estaba en la poesía; estaba en la invención de razones para que la poesía fuera admirable*”. A ideia do espaço em *El Aleph* é explorada por meio das figuras geométricas e pela relação existente entre o universo e as limitações das linguagens humanas em o descrever ou desvendar suas causas. Observa-se, portanto, como *o ponto do espaço que contém todos os pontos e a esfera a revelar todas as imagens do mundo por todos os pontos de vista possíveis*, são imagens repletas de significados e funcionam como um espelho do *mundo da vida*.

Diferente do expresso no conto *La Escritura Del Dios*, em que a íntima relação entre a ordem suprassensível do cosmos somente pode ser contemplada por uma revelação que resulta em silêncio; em *El Aleph*, as inúmeras descrições – caracterizadas pelas séries de enumerações – são propiciadas pela visão da fantástica esfera. Todavia, não há possibilidade de expressar àquilo que não possui um equivalente para o entendimento humano, pois esta experiência se encontra além da linguagem e dos modos de racionalização. Mesmo a caracterização metafórica desta experiência se constitui pela falsidade.

Todo lenguaje es un alfabeto de símbolos cuyo ejercicio presupone un pasado que los interlocutores comparten; ¿cómo transmitir a los otros el infinito Aleph, que mi temerosa memoria apenas abarca? Los místicos, en análogo trance, prodigan los emblemas: para significar la divinidad, un persa habla de un pájaro que de algún modo es todos los pájaros; Alanus de Insulis, de una esfera cuyo centro está en todas partes y la circunferencia en ninguna; Ezequiel, de un ángel de cuatro caras que a un tiempo se dirige al Oriente y al Occidente, al Norte y al Sur. (No en vano rememoro esas inconcebibles analogías; alguna relación tienen con el Aleph.) Quizá los dioses no me negarían el hallazgo de una imagen equivalente, pero este informe quedaría contaminado de literatura, de falsedad (BORGES, 1989a, p. 624-625).

Enumerar, sequer parcialmente, perante a infinidade é uma tarefa ínfima: de uma lado está o simultâneo Aleph com suas inumeráveis imagens; do outro o narrar, necessariamente sucessivo e, portanto, falsificador da experiência. Carlos Argentino Daneri em sua interminável obra poética e o narrador em sua enumeração efêmera apenas expressam o visto, discretamente, por um ponto de vista – impossibilitados de abarcar o todo dado de imediato pelo Aleph. Assim, mostra-se como a intenção do autor é inventar um espaço que possibilite a inserção do infinito nas finitas condições de apreensão do humano.

Esta imagem é repetida ao longo da obra borgiana por meio de diferentes analogias, as quais distorcem a concepção usual do espaço para a apreensão do inefável, seja por meio de uma palavra, uma frase ou um livro, conforme visto em *El Libro de Arena*. As analogias e as

metáforas com o pensamento geométrico, segundo o autor, são os melhores modos de entender o conto.

La línea consta de un número infinito de puntos; el plano, de un número infinito de líneas; el volumen, de un número infinito de planos; el hipervolumen, de un número infinito de volúmenes... No, decididamente no es éste, more geométrico, el mejor modo de iniciar mi relato (BORGES, 1989c, 1989, p. 68).

Embora não deseje demonstrar nada ao modos dos geômetras – em alusão ao tratado ético de Espinoza –, a narrativa, que se quer verossímil. Para tanto, utiliza-se destas imagens para compreender a fantástica experiência de abrir um *livro sagrado com características infinitas*. Um melancólico vendedor de bíblias se apresenta a um bibliófilo com este raro exemplar a fim de, conforme considerado pelo narrador ao final, repassar este “*monstruoso livro*”. Sem data e com características de um texto sacro, a obra atrai a atenção do narrador-personagem imediatamente por sua aleatoriedade no modo em que as páginas são ordenadas, visto não existir uma sequência numérica esperada. O vendedor anuncia que ao fechar estas páginas, estas nunca mais serão vistas. De fato, após o ato, há uma tentativa vã em obter o mesmo local no livro. Ao indagar a origem do livro, descobre que o visitante o obteve em troca de uma Bíblia e algum valor monetário. Afirma que este era conhecido como o *Livro de Areia*, por não possuir princípio e fim.

O pedido para buscar a primeira e a última página também resulta em um projeto inútil, em uma clara analogia à continuidade matemática, também inspirada em outros contos pelos teoremas de Cantor, a questão do infinito e os paradoxos de Zenão. O trecho a seguir ilustra de maneira significativa estas relações, sobretudo ao se conhecer a célebre frase de Cantor, “*vejo, mas não acredito*” (DAUBEN, 1990, p. 120-148):

- Esto no puede ser.
Siempre en voz baja el vendedor de biblias me dijo:
- No puede ser, pero es. El número de páginas de este libro es exactamente infinito. Ninguna es la primera; ninguna la última. No sé por qué están numeradas de ese modo arbitrario. Acaso para dar a entender que los términos de una serie infinita admiten cualquier número.
Después, como si pensara en voz alta:
- Si el espacio es infinito estamos en cualquier punto del espacio. Si el tiempo es infinito estamos en cualquier punto del tiempo (BORGES, 1989c, 1989, p. 69).

Dentre outras tradições, os discursos matemáticos, filosóficos e teológicos são entrelaçados para a promoção de uma conjectura cosmológica moldada no maravilhamento e nos limites da compreensão racional. Para tanto, articula a possibilidade de atualização do Infinito no espaço material e as consequências intelectuais desta ousadia.

De fato, William Bloch mostra como inúmeras teorias e ideias matemáticas podem ganhar um novo significado durante a leitura dos contos borgianos, como *La biblioteca de Babel* e *El Libro de Arena*. Destacam-se considerações sobre *Combinatória, Análise,*

Topologia, Geometria, Grafos, Homomorfismo em algumas estruturas. De acordo com o autor, a pretensão do livro seria enriquecer os leitores de Borges com as inúmeras possibilidades interpretativas do conto sobre a biblioteca infinita, possuindo um leitor implícito transdisciplinar, exemplificado por Umberto Eco (BLOCH, 2008, p. 14-18). Guillermo Martinez atesta as aproximações borgiana do pensamento matemático, em especial nos limites epistemológicos dos paradoxos presentes em muitos de seus contos. Assim, destaca-se a incerteza, associada diretamente a algumas ponderações matemáticas, e.g., o infinito, mas também destaca as formas em que a abstração matemática se relaciona com o pensamento humano em geral, sobretudo em seu caráter intelectual, filosófico ou metafísico. Conclui que os elementos matemáticos variados ao longo de toda a obra de Borges podem se relacionar ao estilo deste escritor e não somente a temas utilizados por ele. Ao longo de seus contos, diversos temas matemáticos se misturam a perspectivas filosóficas em uma exposição ensaística (MARTINEZ, 2011, p. 4-12). Por fim, Mercedes Blanco expõe como argumentos matemáticos não intuitivos a respeito da cardinalidade dos conjuntos numéricos são referenciados, sobretudo, no que tange ao entendimento do contínuo e do Infinito em relação ao espaço e à disposição arquitetônica do relato borgiano *Parabola del Palacio*. Acredita a autora que o texto em questão incorpora de maneira precisa, embora imaginativa, tais ideias matemáticas (BLANCO, 1983, p. 259-281).

Ora, impossibilitados de separar a Ideia e sua forma de expressão, os humanos estão em constantes apuros intelectuais diante das aparências e fascínio das experiências no mundo. Borges unifica reflexão intelectual e gosto estético, muitas vezes pelo humor (SAVATER, 1999, p. 123-129). Ao serem expressas literariamente, as recepções das diversas correntes filosóficas permitem inúmeras discussões críticas sobre os modos pelos quais a invenção, a retórica, a memória, a imaginação, o fantástico e a ficção se relacionam com os modos de compreender o mundo mediante as considerações existenciais, científicas, culturais, religiosas ao longo de toda a sua obra⁷.

Em relação à mística, a perpassar todas as ações e todos os impulsos do humano em sua busca por entendimento, destacam-se as interpretações que relacionam a característica apofântica, as descrições de epifanias e o modo narrativo em paralelo com as tradições ocidentais e elementos de orientalismo⁸. Salienta-se, todavia, os modos pelos quais a escrita borgiana desestabiliza uma ordem ou desconstrói uma tradição específica, de forma análoga a algumas atitudes religiosas (PRICKETT, 2009, p. 206-212). Ao refletir sobre os *atos da escrita e da leitura*, o autor argentino insere o humano no seio das heranças culturais mediante suas tradições, canonizações e discursos sobre o sagrado, asseverando a intensa interconexão entre

⁷ Dentre as inúmeras obras sobre os textos de Borges e a Filosofia, seguem alguns exemplos que abordam o tema diretamente: (BOSSART, 2003; NUÑO, 1986; LEMA-HINCAPIÉ, 2008; LEMA-HINCAPIÉ, 2002; PAOLI, 1986; MARTINS, 1999; SAVATER, 1999; WEBER, 1968).

⁸ Para maiores detalhes às abordagens místicas e religiosas na poética de Borges: (FLYNN, 2009; THIEM, 1988; ORTEGA, 1999; GIORELLO, 1999).

metafísica, ciência e religião⁹.

O fantástico, aquilo que não pode ser de acordo com nossas crenças mais profundas, apresenta-se diante dos olhos. Contido em formatos usuais, situado nas aceitas descrições das posições no espaço, mas ainda assim revelando aquilo que não pode ser apreendido pela racionalidade vigente. De maneira similar à *Biblioteca* aparentemente infinita em suas inúmeras salas hexagonais e ao ponto que contém todos os pontos no *Aleph*, o *Livro de Areia*, é descrito como algo factível de ser obtido, limitado pela brochura de sua redação e com acesso às mãos de um bibliófilo. Todavia, as páginas são infinitas, sendo impossível encontrar a primeira e a última lauda, possuindo uma numeração arbitrária, a qual, à luz do autor, assemelha-se à condição humana diante do infinito. Neste ponto, conjecturar a respeito das condições do humano no espaço e no tempo são relativos ao fantástico ato de abrir o livro em questão. A hipótese de existir o *Livro de Areia* implica a possibilidade do espaço e do tempo também serem infinitos. Os paralelos com o pensamento científico do período são claros diante dos sistemas de co-ordenadas, as hipóteses sobre a continuidade e os valores de representação associados ao espaço-tempo. Desta maneira, se o livro em questão não pode ser ordenado, a não ser de maneira arbitrária, infere-se que qualquer modo de pensar – e, portanto, ordenar – o espaço e o tempo carece de indeterminação.

Novamente, como expresso em outros contos, a irredutibilidade da experiência e a impossibilidade de uma abstração que conduza à criação de um modelo explicativo objetivo para o mundo são afirmados. Não por acaso o autor sentencia que tal constatação pode ser fruto de uma crença religiosa, ao que o vendedor afirma ser presbiteriano e possuir a consciência tranquila por trocar a “*Palavra do Senhor*” “por um livro diabólico”. Estes dados são importantes, pois o bibliófilo adquire o *Livro de Areia* ao propor uma quantia em dinheiro e uma edição de um bíblia de Wycliffe, um dos primeiros reformadores de acordo com algumas tendências Protestantes. Possuindo o livro, o narrador-personagem passa a descrever os temores e os receios provenientes de conhecer a respeito da existência do mesmo: noites sem dormir; medo de ser realmente infinito; obsessão por abrir o livro. Sente-se um prisioneiro deste. Provou-se, rapidamente, ser impossível buscar uma ordem no livro, causando-lhe insônia e, mesmo durante o sono, o livro se apresentava em seus sonhos. Torna-se claro os motivos da monstruosidade do livro e, conseqüentemente, do próprio leitor que o possuía em suas mãos: “*una cosa obscena que infamaba y corrompía la realidad*”. Denegrir e corromper a realidade, as crenças a respeito do real, os modos de pensamento, as razões e seus resultados; tudo aparenta-se perdido se não é possível ordenar o livro, pois não haveria meios de o interpretar plenamente. Abre-se a possibilidade do cosmos ser aleatório e caótico à semelhança deste objeto. Esconde o livro em uma biblioteca, pois, teme que queimar um livro infinito resulte em uma catástrofe, diante das possibilidade de uma chama sem fim.

As relações entre o livro e seus leitores, mas também entre o livro e mundo são relevantes no desenvolvimento da narrativa. O livro sendo maldito, seus leitores também o são;

⁹ Para as relações entre os modos de intelecção, as ciências particulares e as expressões culturais do sagrado na obra de Borges, vide: IGLESIAS, (2012); NUÑEZ-FARACO, (2006); LÉVY, (1976).

o livro sendo impossível de ser decifrado, o mundo também há de ser. Há, implicitamente, a prevalência do elemento quixotesco nesta apresentação, visto que Don Quijote herda o mundo de cavalaria por suas leituras e imaginações. Esconder, aniquilar a possibilidade de contato com o livro, é a tarefa necessária para não enlouquecer. Não é o objeto em si que requer esta tarefa a fim de manter a sanidade, mas aquilo que ele representa: a infinidade e a impossibilidade de ordenar racionalmente o mundo. O misterioso e religioso vendedor de bíblias, entre suspiros, aventura-se a levantar a tese de um espaço e de um tempo infinitos em decorrência da existência do *Livro de Areia*. Todavia, ainda mais enfaticamente, assumindo tal infinidade, os pontos de referência – como os números nas páginas – são irrelevantes, pois servem apenas para uma consideração local sem qualquer possibilidade de inferência em relação ao todo. A perplexidade perante a continuidade e o infinito são expressas por meio da imagem de uma livro, mas também por uma biblioteca possivelmente infinita, ou por um ponto que contenha todos os pontos.

Esta biblioteca, que outros chamam de universo¹⁰, é composta por um número indefinido e, talvez, infinito de galerias hexagonais. Os pisos superiores e inferiores são intermináveis de acordo com a visão, mas há aqueles que consideram que a existência de espelhos favoreça à ideia de que a biblioteca não seja infinita, mas produto de um processo de duplicações ilusórias. O leitor permanece na ambiguidade, sobretudo devido à iluminação ser descrita como insuficiente, embora incessante. Assim é a descrição inicial de *La Biblioteca de Babel*, conto no qual o escritor argentino expõe os modos de compreensão do mundo e as diferentes interpretações humanas perante as variadas teorias por meio de analogias, metáforas e metonímias.

O narrador, entre todas as possibilidades, prefere a promessa do infinito, buscando, inclusive, um “*catálogos de todos os catálogos*” em sua juventude. Há, assim, uma intertextualidade clara com o conto *El Libro de Arena*, mas também uma relação evidente com o desejo humano em possuir um conhecimento perfeito, completo e consistente a respeito de todas as coisas, entre estas o universo, ou no caso particular da presente estória, a *biblioteca*. Como em toda a sua obra, Borges conjuga os saberes como um meio de interpretar a racionalidade humana em busca do entendimento de suas experiências. Neste caso específico, as características do espaço são fornecidas por meio de uma série de considerações místicas, matemáticas, físicas e metafísicas. A importância da noção de espaço para o entendimento da *Biblioteca* decorre no que segue:

Los idealistas arguyen que las salas hexagonales son una forma necesaria del espacio absoluto o, por lo menos, de nuestra intuición del espacio. Razonan que es inconcebible una sala triangular o pentagonal. (Los místicos pretenden que el éxtasis les revela una cámara circular con un gran libro circular de lomo continuo, que da toda la vuelta de las paredes; pero su testimonio es sospechoso; sus palabras, oscuras. Ese libro cíclico es Dios.) Básteme, por ahora, repetir el dictamen clásico: La Biblioteca es una esfera cuyo centro cabal es cualquier hexágono, cuya circunferencia es inaccesible (BORGES,

¹⁰ Há uma inversão proposital na apresentação do conto de Borges para enfatizar ainda mais a relação estabelecida entre a Biblioteca e o Universo. “*El universo (que otros llaman la Biblioteca) se compone de un número indefinido, y tal vez infinito, de galerías hexagonales*” (BORGES, 1989a, 1989, p. 465).

1989a, 1989, p. 465).

As paráfrases ao pensamento ocidental são claras: seja as discussões a respeito da possibilidade de existência de um espaço absoluto ou da necessidade da intuição, seja por meio das paráfrases ao pensamento medieval descrito na *Divina Comédia* sobre as circunferências diante da visão da Trindade Cristã, ou ainda, pela ideia de uma esfera infinita com o centro em todos os pontos, imagem também coletada por Blaise Pascal. Ademais, deve-se considerar a suspeita em relação ao conhecimento obscuro dos místicos e também a caracterização de idealista para uma concepção absoluta a respeito do espaço. Mostra-se significativo que todos os modos de descrição da biblioteca e, portanto, do cosmo sejam de natureza idealista, especialmente se o leitor tiver em consideração o conto *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*: não há como fugir do idealismo, pois qualquer descrição do mundo requer a subjetividade, a imaginação e a Ideia. Na impossibilidade de se pensar distante da metafísica, conclui-se que a estória de Borges é uma analogia com as possibilidades de entendimento humano do mundo em suas formas e constituições culturais.

Inicia sua descrição a partir dos elementos mínimos, as letras, as páginas, os livros, as estantes, as salas hexagonais. Tal contagem vertiginosa fornece ao leitor uma estonteante experiência sobre aquilo que não pode ser enumerado para embasar as teses de que todas as coisas podem ser registradas na *Biblioteca*. Afinal, se a linguagem é uma imitação dos símbolos naturais, o mundo pode ser descrito a partir dos livros desta coleção imensa. Contudo, perante a infinidade, há aqueles que “*sostienen que esa aplicación es casual y que los libros nada significan en sí*”. Conforme visto em outros trechos da obra borgiana, o sentido dos pensamentos e dos modos de apreender a realidade permitem ao leitor inferir a contingência dos sistemas, das descrições e dos modelos propostos sobre o mundo. Assumir o número dos símbolos linguísticos e a existência eterna da biblioteca como axiomas não impede a interface entre as linguagens criadas na imensa coleção de livros. Um pensador “engenhoso” mostrou que não existem dois livros iguais e que todos os livros possuem elementos em comum, deduzindo que na biblioteca estaria contido todas as combinações possíveis, i.e., tudo aquilo que seria possível expressar estaria presente neste recinto aparentemente sem fim. Nas palavras de Borges:

De esas premisas incontrovertibles dedujo que la Biblioteca es total y que sus anaqueles registran todas las posibles combinaciones de los veintitantos símbolos ortográficos (número, aunque vastísimo, no infinito) o sea todo lo que es dable expresar: en todos los idiomas. Todo: la historia minuciosa del porvenir, las autobiografías de los arcángeles, el catálogo fiel de la Biblioteca, miles y miles de catálogos falsos, la demostración de la falacia de esos catálogos, la demostración de la falacia del catálogo verdadero, el evangelio gnóstico de Basilides, el comentario de ese evangelio, el comentario del comentario de ese evangelio, la relación verídica de tu muerte, la versión de cada libro a todas las lenguas, las interpolaciones de cada libro en todos los libros, el tratado que Beda pudo escribir (y no escribió) sobre la mitología de los sajones, los libros perdidos de Tácito (BORGES, 1989a, 1989, p. 467).

Novamente, o autor se utiliza da enumeração como um meio de expressar algo grandioso, indeterminado e sem fim. O saber e o expressar por meio de um livro, embora distintos, relacionam-se pelo desejo de um conhecimento completo a respeito da realidade. Abarcar todos os livros, portanto, significa abarcar todas as possibilidades e todas as soluções possíveis de serem criadas para qualquer problema. Justifica-se, assim, o universo: “*el universo bruscamente usurpó las dimensiones ilimitadas de la esperanza*”. Frase sutil, mas repleta de significados, visto que pressupor todas as possibilidades implica não existir novidade alguma. Os desejos de uma linguagem perfeita ou de modelos de representação objetiva do universo são expressos deste modo na narração, visto que, na indeterminação das infinitas possibilidades, uma delas desvendaria o mistério do mundo e, portanto, suas leis e determinações. Mostra-se, portanto, que a crença de que a biblioteca conteria todas as possibilidades do conhecimento germina na perspectiva de elucidar o inefável, o inaudito, o Mistério. Borges descreve de maneira literária os intentos das ciências particulares em seu tempo, as quais não apenas se preocupam com seus problemas específicos, mas desejam inferir as condições de sustentação do mundo por meio de seus discursos cosmológicos.

“*La aclaración de los misterios básicos de la humanidad*”, torna-se um objetivo dos habitantes da biblioteca. A analogia com as ciências modernas não se restringe aos modos de concepção do espaço geométrico e dos cosmos, mas também pela inserção de “*buscadores oficiales, inquisidores*”. A falsa dicotomia e tensão histórica entre as religiões e as ciências como modos de explicar o mistério é apresentada por Borges ao unir ambos em uma busca comum, ao passo em que grupos são sancionados por autoridades constituídas. Da esperança enraizada na certeza e na convicção a respeito de uma elucidação das perguntas essenciais, segue-se uma excessiva depressão por seu constante fracasso. Da mesma maneira que as autoridades religiosas e científicas do passado, criam-se livros canônicos e são rejeitados qualquer possibilidade de “salas hexagonais” previamente inacessíveis ou ideias contrárias – facilmente categorizadas como inúteis. Contudo, em outra analogia ao contínuo geométrico para o entendimento do *espaço da biblioteca*, acredita-se que cada exemplar e, portanto, cada ideia a respeito do cosmo é infinitesimal e insignificante, i.e., possui medida nula em relação ao todo. O livro perfeito, a linguagem perfeita, a descrição perfeita são apenas ideias e nunca podem ser reconhecíveis na imensidão do mundo em suas “*centenares de miles de facsímiles imperfectos: de obras que no difieren sino por una letra o por una coma*”. Mostra-se, assim, de maneira clara que há uma distinção entre a perfeição da Biblioteca, em suas leis impossíveis de serem sintetizadas, e os métodos humanos de apreensão expressos por meio dos livros. Todavia, se “*basta que un libro sea posible para que exista*”, a possibilidade de um livro total, que contenha a cifra para todos os demais livros, fornece o incentivo para uma busca interminável.

Os paradoxos do pensamento racional perpassam a todo o instante o conto, a ponto do autor salientar de maneira enfática: “*Hablar es incurrir em Tautologias*”. Define tal posição por considerar que tudo aquilo que existe e pode ser transformado em linguagem possui sentido; entretanto, diante das inúmeras possibilidades de interpretação, também o contrário deve existir de igual modo. Combina-se, assim, posições filosóficas herdadas de inúmeras tradições, e.g.,

Platão e Peirce, incorrendo na metalinguagem necessária: “*Tú, que me lees, ¿estás seguro de entender mi lenguaje?*” Se o leitor afirmar que sim, rapidamente se verá em embarços, pois dada a natureza fantástica da estória deve afirmar que não há certeza sobre o entendimento; todavia, negar é uma das possibilidades e, portanto, fornece sentido à estória, metonímia paradoxal que ilustra o entendimento da linguagem borgiana. Assim, o autor argentino enclausura o leitor em sua biblioteca imaginária, não apenas por simular a existência de tal coleção de livros em sua materialidade e em suas subsequentes idealizações, mas também por meio da linguagem e do ato interpretativo. De fato, o universo e a biblioteca, a biblioteca e o universo, são intercambiáveis; e o leitor se encontra no interior destes ao ler.

Resta ao humano apenas conjecturas e esperanças diante do universo-biblioteca. As brigas de poder, as barbáries, as perseguições e as mortes, decorrentes de estar no mundo, predispõem o narrador a inferir que a espécie humana pode ser extinta, mas a biblioteca se manterá. Ao fim, afirma novamente que considera a mesma infinita, incluindo uma *periodicidade de sua desordem*, a qual resultaria na *Ordem*, tão procurada, mas nunca encontrada. Esta esperança do narrador o insere na busca humana pelo sentido, i.e., nos pressupostos de que para existir carece haver um sentido de ordenação. Todavia, salienta o mesmo, após procurar incessantemente, que esta *Ordem* não é dada ao humano, aparentemente. Em nota, Borges predispõe o leitor de sua obra a comparar *La Biblioteca de Babel* com o *Libro de Arena*, visto que o espanto relacionado à primeira poderia se reduzir a um único volume. Baseia-se na ideia comum de que qualquer corpo sólido é composto por uma infinidade de planos.

Torna-se manifesta a importância das noções de espaço e os modos de apreensão das ideias de espaço para a concepção borgiana. Por outro lado, mostra-se também importante salientar que durante estas narrativas o espaço vivenciado pelos personagens, e concebido pela verossimilhança, contrasta-se a todo o instante com os modos abstrativos do entendimento. Deduz-se, portanto, que o espaço pode ser entendido como um elemento central para o desenvolvimento da narrativa por sua condição paradoxal, i.e., por permitir a criação de falácias a partir do momento de sua descrição e de sua conceptualização.

Deve-se inventar o espaço para o perceber. Tal premissa é explorada literariamente ao longo de outras narrativas em que o universo e a linguagem são expressos pela imagem do labirinto¹¹. Há um misto de perplexidade e *maravilhamento*, i.e., limitação do racional e impulso a conhecer. Os limites do saber são expressos constantemente nas afirmações que poderiam ser facilmente caracterizadas por nominalistas nas escritas Borges, i.e., a impossibilidade de conhecer algo além daquilo que nos é imediatamente dado por meio dos

¹¹ Se inicialmente os labirintos são vistos como criações humanas a exemplificar os modos de entendimento humano diante da finitude e da aspiração a uma racionalidade consistente, em outros contos de Borges os mesmos se associam à linguagem e ao universo. No artigo *Nos Labirintos do mundo, do ser e da linguagem: Os limites da racionalidade em “El Sur”, “Abenjacán El Bojari, Muerto em su Laberinto”, “El jardín de senderos que se bifurcan”, “Los Dos Reyes Y Los Dos Laberintos” de J.L. Borges*, mostra-se como a impossibilidade de uma ordenação plena das experiências humanas é atribuída às extremas complexidades da subjetividade, da linguagem e do cosmos. Estes, portanto, são labirintos perfeitos dos quais o humano não consegue se ausentar de nenhuma maneira.

modos de apreensão racional. *Maravilhamento e perplexidade* propiciam o desejo por conhecer e as limitações do humano. Dentre as imagens herdadas e reconstruídas historicamente possuem na ideia da palavra, do livro e da biblioteca *metáforas* e *metonímias* que expressam a abertura do humano para o mistério¹², para as tradições recebidas e para as inovações necessárias a toda possibilidade de saber.

Referências

BLANCO, Mercedes. La parable et les paradoxes: Paradoxes mathématiques dans un conte de Borges. *Poétique*, Paris v.55, p. 259-281, 1983.

BLOCH, William Goldbloom. *The Unimaginable Mathematics of Borges' Library of Babel*. New York: Oxford University Press, 2008.

BORGES, Jorge Luis. *Este Ofício do Verso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Obras Completas I: 1923-1949*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1989a.

_____. *Obras Completas III: 1975-1985*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1989c.

BOSSART, W.H. *Borges and Philosophy: Self, Time and Metaphysics*. New York: Peterlang, 2003.

BURGIN, Richard. *Conversaciones con Jorge Luis Borges*. Madrid: Taurus Ediciones, 1974.

DAUBEN, Joseph Warren. *Georg Cantor: His Mathematics and Philosophy of the Infinite*. Princeton: Princeton University Press, 1990, p. 120-148.

FLYNN, Annette. *The Quest for God in the Work of Borges*. New York: Continuum International, 2009.

GIORELLO, Giulio. Il sonno di Dio. Note su Borges e Berkeley. In: de TORO, Alfonso; REGAZZONI, Susanna (Org.). *El Siglo de Borges vol II: Literatura, Ciencia, Filosofía*. Madrid: Iberoamericana, 1999, p. 129-138.

IGLESIAS, Maria Clara. Borges y sus tres intepretaciones de canto de Ulisses em el Infierno de Dante. *MLN*, Baltimore, v. 127, n. 2, p. 282-301, 2012.

LEMA-HINCAPIÉ, Andrés. Borges y la Filosofía Occidental: Algunos momentos de la Crítica. *Revista Praxis Filosófica*, Cali, v. 14, p. 99-115, 2002.

¹² No artigo *Fascínio Místico, Razão e Imaginação: Invenções do Espaço para a compreensão do Inefável em "La busca de Averroes", "La muerte y La Brujula", "El immortal", "El disco" e "La Escritura di Dios" de J.L. Borges*, avalia-se que o espaço se apresenta objetiva e subjetivamente, possibilitando não apenas o mundo, mas também o humano, ser compreendido. As aporias entre o contínuo e o discreto, entre o apreendido pela sensibilidade e os modos de abstração da razão para a compreensão do espaço, são resultantes das tentativas humanas de ordenar suas experiências. Tais intentos transcendem à ordem particular das ciências particulares e é compreendida por Borges mediante suas características místicas a impulsionar variadas buscas por ordenação e sentido.

_____. *Borges..., ¿Filósofo? Creación Literaria y Filosofía en la Obra de Jorge Luis Borges*. Ithaca: Cornell University, Doctor Dissertation in Philosophy, 2008.

LÉVY, Salomón. El Aleph, símbolo cabalístico, y sus implicaciones em la obra de Jorge Luis Borges. *Hispanic Review*, Pennsylvania, v. 44, n. 2, p. 143-161, 1976.

MARTINEZ, Guillermo. *Borges and Mathematics*. West Lafayette: Purdue University Press, 2011.

MARTINS, Francisco José. Las Representaciones Literarias del Mundo: Borges y Schopenhauer. In: de TORO, Alfonso; REGAZZONI, Susanna (Org.). *El Siglo de Borges vol II: Literatura, Ciencia, Filosofía*. Madrid: Iberoamericana, 1999, p. 139-150.

NÚÑEZ-FARACO, Humberto. *Borges and Dante: Echoes of a Literary Friendship*. Bern: Peter Lang, 2006.

NUÑO, Juan. *La Filosofía de Borges*. Ciudad del México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

ORTEGA, Julio. 'El Aleph' y el lenguaje epifánico. In: de TORO, Alfonso; REGAZZONI, Susanna (Org.). *El Siglo de Borges vol II: Literatura, Ciencia, Filosofía*. Madrid: Iberoamericana, 1999, p. 171-183.

PAOLI, Roberto. Borges y Schopenhauer. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, Medford, v.24, p. 173-208, 1986.

PRICKETT, Stephen. Narrative, Theology and Literature. *Religion & Literature*, South Bend, v. 41, n. 2, p. 206-212, 2009.

SAVATER, Fernando. Borges y la Filosofía. In: de TORO, Alfonso; REGAZZONI, Susanna (Org.). *El Siglo de Borges vol II: Literatura, Ciencia, Filosofía*. Madrid: Iberoamericana, 1999, p.123-129.

THIEM, Jon. Borges, Dante, and the Poetics of Total Vision. *Comparative Literature*, Durham, v.40, n.2, p. 97-121, 1988.

VILAHOMAT, José R. *Ficción de Racionalidad: La Memoria como Operador Mítico em las Estéticas Polares de Jorge Luis Borges y José Lezama Lima*. Newark: Juan de la Costa, 2004.

WEBER, Frances. Borges's Stories: Fiction and Philosophy. *Hispanic Review*, Pennsylvania, v. 36, p. 124-141, 1968.

